

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: TEORIAS E PRÁTICAS
DE ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO – PROLEITURA

RENATA DANIELLE DANTAS FREITAS

**A LEITURA LITERÁRIA: ENTRE A INQUIETAÇÃO TRAUMÁTICA DO
CONSERVADORISMO ESCOLAR AO PURO ENCANTAMENTO NA FORMAÇÃO
HUMANA**

Belo Horizonte
2023

RENATA DANIELLE DANTAS FREITAS

**A LEITURA LITERÁRIA: ENTRE A INQUIETAÇÃO TRAUMÁTICA DO
CONSERVADORISMO ESCOLAR AO PURO ENCANTAMENTO NA FORMAÇÃO
HUMANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto – PROLEITURA, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Chiaretto.

Belo Horizonte
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA RENATA DANIELLE DANTAS FREITAS

Realizou-se, no dia 24 de agosto de 2023, às 14:30 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *A LEITURA LITERÁRIA: ENTRE A INQUIETAÇÃO TRAUMÁTICA DO CONSERVADORISMO ESCOLAR AO PURO ENCANTAMENTO NA FORMAÇÃO HUMANA*, apresentado por RENATA DANIELLE DANTAS FREITAS, número de registro 2022660050, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Prof. Marcelo Chiaretto - Orientador, Prof. Kleber Mazione Lima Ferreira (IFMG), Profa. Adriana Nunes da Costa.

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 24 de agosto de 2023.

Prof. Marcelo Chiaretto (Doutor)
Prof. Kleber Mazione Lima Ferreira (Mestre)
Profa. Adriana Nunes da Costa (Especialista)



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Chiaretto, Professor do Magistério Superior**, em 24/08/2023, às 19:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kléber Mazione Lima Ferreira, Usuário Externo**, em 24/08/2023, às 19:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Nunes da Costa, Usuário Externo**, em 24/08/2023, às 21:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2568370** e o código CRC **2B6C070F**.

Tecendo a manhã

João Cabral de Melo Neto

*Um galo sozinho não tece uma manhã: ele
precisará sempre de outros galos.*

*De um que apanhe esse grito que ele e o lance a
outro; de um outro galo que apanhe o grito que
um galo antes e o lance a outro; e de outros
galos que com muitos outros galos se cruzem os
fios de sol de seus gritos de galo, para que a
manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo,
entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos, se
erguendo tenda, onde entrem todos, se
entretendendo para todos, no toldo (a manhã)
que plana livre de armação.*

*A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que,
tecido, se eleva por si: luz balão.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por atender às minhas orações diárias para que desse certo esse ciclo de estudos.

Ao professor, Dr. Marcelo Chiaretto, pelas contribuições tão pertinentes à minha pesquisa. Obrigada, professor!

À banca examinadora pela leitura atenta e pelas proveitosas orientações.

Agradeço aos meus pais, senhor Rivaldo Dantas de Oliveira e senhora Lúcia de Fátima Freitas de Oliveira, pela dedicação constante em proporcionar, para mim e para meus irmãos, uma educação pública de qualidade. Se hoje sou professora, devo muito a eles.

Aos meus filhos, Ana Beatriz e Lucas Guilherme, por serem tão especiais e inspiradores na minha caminhada.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a refletir sobre o lugar da Literatura, principalmente na escola. Percebe-se que o papel que a leitura literária ocupa tem-se mostrado no decorrer dos últimos anos uma inquietação entre as práticas conservadoras e a ausência do encantamento na formação humana do aluno através das interações incessantes. A partir da análise, nota-se que a instabilidade decorre de vários fatores, mas a Literatura se estabelece como um direito inalienável. Trazendo para o diálogo autores que já fizeram seus estudos partirem da premissa de que a Literatura é um direito, como Antonio Candido. Propomo-nos a debruçar-nos sobre outra especificidade inegável dessa manifestação: ela é uma necessidade que deve ser trabalhada diariamente nas salas de aula. A Literatura, segundo Antonio Candido em seu artigo “O direito à Literatura”, é um instrumento de humanização e, conforme Mario Vargas Llosa, é ela que organiza o caos do mundo na sua própria ordenação que nos faz melhor entendedores deste mesmo mundo e de nós mesmos. Além do prazer contido na fruição e contemplação estética, a Literatura propicia o algo mais que nos faz entrar em contato com o humano. O estudo feito aqui levanta algumas questões como, por exemplo, se o professor faz a mediação da leitura literária com base na realidade, se o professor trabalha com suportes que, afinal, favorecem a aproximação da leitura literária e também analisa o texto literário no seu processo humanizador. Contudo, apesar das inquietações, ela há de permanecer e por razões que vão além do fato de ser um direito. A Literatura tem sido um instrumento poderoso de transformação que envolve afetividade e encantamento na formação humana do educando. Tal arte possui o poder humanizador o qual não pode ser sonegado na vida e, por isso mesmo, na escola. As questões apresentadas nos fazem refletir a situação do leitor contemporâneo diante das novas tecnologias e da Literatura como direito, na sua formação.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Humanização.

ABSTRACT

The present work proposes to reflect on the place of Literature, mainly in school. It is noticed that the role that literary reading plays has shown, over the last few years, a concern between conservative practices and the absence of enchantment in the student's human formation through incessant interactions. From the analysis, it is noted that the instability stems from several factors, but Literature is established as an inalienable right. Bringing into dialogue authors who have already made their studies start from the premise that Literature is a right, such as Antonio Candido. of class. Literature, according to Antonio Candido in his article "The Right to Literature", is an instrument of humanization and, according to Mario Vargas Llosa, it is what organizes the chaos of the world in its own order that makes us better understanders of this same world and of ourselves. In addition to the pleasure contained in fruition and aesthetic contemplation, Literature provides something else that makes us come into contact with the human. The study carried out here raises some questions, such as, for example, if the teacher mediates literary reading based on reality, if the teacher works with supports that, after all, favor the approximation of literary reading and also analyzes the literary text in its humanizing process. However, despite the concerns, it will remain and for reasons that go beyond the fact that it is a right. Literature has been a powerful instrument of transformation that involves affection and enchantment in the human formation of the student. Such art has a humanizing power which cannot be withheld in life and, therefore, in school. The questions presented make us reflect on the situation of the contemporary reader in the face of new technologies and Literature as a right, in their formation.

Keywords: literature; Reading; humanization.

SUMÁRIO

| | | |
|---|---|----|
| 1 | Introdução..... | 7 |
| 2 | A leitura literária no espaço escolar: direito inalienável na formação do educando..... | 9 |
| 3 | O educador mediador no processo da leitura literária: um eixo desafiador na sala de aula contemporânea..... | 11 |
| 4 | O aluno leitor no processo humanizador: o paradoxo entre a inquietação e o encantamento..... | 15 |
| 5 | O letramento literário e as interações incessantes: um olhar necessário que precisa ser revisto nas aulas de literatura..... | 18 |
| 6 | Considerações finais..... | 21 |
| | Referências..... | 23 |

1 INTRODUÇÃO

A Literatura é uma manifestação de puro encantamento e um hábito que reitera na formação humana, porém o lugar da literatura na escola parece enfrentar um de seus momentos mais difíceis. É assunto ainda muito conservador e, por vezes, o colocam num patamar abaixo do seu real potencial que se pode trazer para uma sociedade equilibrada. Há de pensar-se o papel da Literatura na escola. Urge rever a forma com que o professor media a disciplina. Estas são motivações para a presente pesquisa que, partindo de intelectuais, autores, críticos, os quais já vêm pensando sobre o lugar da leitura na escola e, especialmente, da leitura literária contemporânea, não pretende dar receita alguma de como fazer a Literatura sobreviver, mas convidar à reflexão, enquanto entusiastas, profissionais, para que ela se entranhe cada vez mais nos leitores e nos leitores a literatura possa civilizar, e, a partir desse momento, humanizar nossos educandos.

Apesar de toda instabilidade que decorre de vários fatores, o ensino de Literatura se estabelece como um direito inalienável. Com essa premissa, partimos para outra: será ela também com papel humanizador a afetar professor e aluno? Trazendo para o diálogo autores que já se debruçaram sobre a questão, como Antonio Candido, Benjamin Abdala, Graça Paulino, Marcelo Chiaretto, entre outros, propomo-nos a questionar como se converter a Literatura em mais que um direito. Os suportes, afinal, estão sendo mediados pelos professores para favorecer a aproximação da leitura literária? A inquietação traumática do conservadorismo do ensino da leitura literária pode ser revista e de fato ser eliminada nesse processo da busca do verdadeiro encantamento, do prazer, da introspecção?

A escolha do tema surgiu de uma observação feita na escola que leciono: a professora compartilhou, na hora do intervalo, sua irritabilidade acerca da falta de compromisso diante da atividade que tinha orientado seus alunos. Ora, pediu que eles buscassem um livro literário na biblioteca da escola, mas que fosse de autores do Romantismo e procurassem ler em 15 dias. E o resultado foi que, dos 33 alunos, nenhum se interessou pela sua proposta. Os alunos não entregaram. E, ao conversar com minha colega de profissão mais de perto, percebi ausência de encantamento, de buscar afetar seus educandos e, por fim, concluí o quanto ela está fora do processo de letramento literário, buscando apenas seguir suas práticas engessadas.

Muitos são os alunos que não têm uma prática cotidiana da leitura literária. Não se trata de uma ação mecânica que aborrece e empurra os alunos para uma entrega de um resultado sem nexos com a realidade deles. Nessa perspectiva, ler é estabelecer relação com

o texto lido, é compreendê-lo e interpretá-lo, uma vez que a literatura passa a ser um convite à liberdade de expressão, onde os alunos podem expressar seus sentimentos, descobrir e compreender melhor suas próprias emoções e seus caos. Além disso, na leitura de um texto literário, a possibilidade da invenção, da criação, está sempre aberta. Este talvez seja o aspecto mais fascinante de toda esta experiência: abrir espaço para a criação e a criação é o caminho para a autonomia e para autoafirmação dos sujeitos.

A pretensão desta pesquisa é analisar o ensino da Literatura na sala de aula contemporânea e para conhecimento prático-metodológico do professor, já que a problematização parte de como ocorre o ensino da Literatura no processo de desenvolvimento da leitura literária e seus suportes, instrumentos básicos para aquisição e retenção de novos conhecimentos, tornando a mente do leitor mais aberta, aumentando as competências na formação do educando.

A formação de leitores com proficiência vem sendo um desafio cada vez mais difícil para os docentes. Trabalhar a disciplina Literatura exige a qualificação dos profissionais, a capacitação dos alunos enquanto leitores, para interação com os textos e o meio social. Além do mais, a falta de materiais literários diversificados na escola também contribui para a desmotivação dos docentes perante as práticas de leitura literária.

Em virtude disso, a maioria dos alunos tem grande insatisfação pela leitura e alguns não têm o hábito de ler nem os conteúdos escolares, devido ao uso de metodologias tradicionais, formalistas e monótonas de alguns docentes. Assim, os educadores demonstram estar à procura de culpados pelo desinteresse dos alunos.

O trabalho está dividido em quatro capítulos: o primeiro inclui a importância da literatura no espaço escolar como direito e necessidade, com um breve paralelo do que a leitura de textos literários oferece para o indivíduo. O segundo capítulo expõe a mediação necessária entre professor e aluno para uma leitura literária transformadora. O terceiro capítulo trata da análise do texto literário humanizador. No quarto, reflete-se sobre a possibilidade de formar leitores próximos à cultura massiva dos jovens e as novas demandas que refletem no espaço escolar. E, posteriormente, as considerações finais.

2 A LEITURA LITERÁRIA NO ESPAÇO ESCOLAR: DIREITO INALIENÁVEL NA FORMAÇÃO DO EDUCANDO

O lugar da leitura literária é, pois, na escola. A Literatura transforma o leitor. Nesse viés, o aluno tem o direito de ter a Literatura como um dos pilares de sua formação enquanto indivíduo. Antonio Candido, sociólogo e professor de Literatura, afirmou em seu texto “O direito à literatura”:

ela [a literatura] é uma necessidade universal imperiosa, e porque fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. Em todos esses casos ocorre humanização e enriquecimento, da personalidade e do grupo, por meio de conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão (CANDIDO, 1995, p. 179-180).

Por englobar o prazer, a melancolia, o riso, o encanto, o lúdico e até a introspecção, esquece-se (ou não se sabe mesmo) que a Literatura compõe a formação do ser humano. Portanto, além de objeto artístico e estético a que todos têm direito, atua como condição de humanização, propiciando ao aluno, no caso, uma maior capacidade de autoconhecimento na sua formação. Ainda segundo Antonio Candido, essa humanização consiste em possuir como traços “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (1995, p. 180). Viver as experiências da ficção torná-lo-ia mais preparado para as suas próprias experimentações.

Nessa perspectiva, a leitura literária deve ser garantida como um direito humano indispensável, assim como há o direito à saúde, à alimentação, à moradia, à instrução e à liberdade individual. E também podem ser considerados indispensáveis o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. Nesse sentido, Antonio Candido chama de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, anedotas ou piadas, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio

amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. Não há povo e não há ser humano que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. Longe de fazer surgir o ser humano em sua perfeição, a literatura pode nos fazer mais sensíveis ao outro à medida que nos oferece diferentes modos de ver, pensar, sentir, saber e existir. Com isso, temos a possibilidade de construir vivências menos sectárias, separatistas e indiferentes. Quem lê ou ouve literatura não pode ser tomado como melhor que quem não a lê/ouve; apenas como alguém que tem diante de si cartografias de alteridades que podem favorecer – mas nunca garantir – a experiência de, pela aproximação ou pelo distanciamento, sentir o outro, ir em sua direção e, nesse processo – quem sabe – entender melhor sobre si e agir ativamente frente às desigualdades que ojerizam as sociedades e mutilam as relações humanas.

A literatura, prossegue Cândido, é um instrumento consciente de desmascaramento, apontando e denunciando onde há restrições e negações de direitos. A literatura denuncia a miséria, a servidão e a mutilação espiritual. Para Antonio Candido, a literatura erudita não pode ser monopólio de classes dominantes e também não pode ser distribuída de forma estratificante e alienante.

Nesse sentido, é um direito do indivíduo o acesso à leitura e, como consequência, a democratização do acesso à literatura. Dessa forma, para além da ideia de estudar as escolas literárias a partir de uma literatura hegemônica que privilegia apenas o cânone nacional, é necessário discutir a ideia do acesso à literatura, não apenas como um direito, mas também como um direito inegável à formação dos sujeitos. Para que isso ocorra de modo efetivo, entende-se, aqui, ser fundamental o incentivo à formação continuada dos profissionais da educação, especialmente os profissionais da educação básica que atuam visando propiciar ao professor o trabalho direto com textos literários mediados pelo conhecimento sobre a prática social de letramento literário, a partir de estudos sobre democratização e acesso à literatura.

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos radicalmente os problemas. Ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que precisa ser oportunizada aos educandos no ambiente escolar. Portanto, uma sociedade justa pressupõe o respeito ao acesso da literatura. É um direito inalienável.

3 O EDUCADOR MEDIADOR NO PROCESSO DA LEITURA LITERÁRIA: UM EIXO DESAFIADOR NA SALA DE AULA CONTEMPORÂNEA

A escola precisa se atualizar e rever suas práticas, garantindo ao aluno a função social de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza, permitindo, assim, que a leitura literária seja exercida sem abandono do prazer. Partindo do viés que o ser humano muda e a literatura também, cabe repensar na mediação do educador leitor na contemporaneidade dentro da sala de aula. E a professora Márcia Abreu, em seu livro “Cultura Letrada: Literatura e Leitura” (2006), afirma:

O que se considera literatura hoje não é o que se considerava no século XVIII: o que se considera uma história bem narrada em tribo africana não é o que se considera bem narrado em Paris; O enredo que emociona um jovem de 15 anos não é o que traz lágrimas aos olhos de 60 anos; o que um crítico carioca identifica como um uso sofisticado de linguagem não é compreendido por um nordestino analfabeto (ABREU, 2006, posição 678 no *e-book*).

Começaremos, então, a pensar na importância da literatura que transforma e demonstrar a relevância social da literatura no estímulo a letramentos em vista da noção escolarizada conservadora ou da noção elitista. Como visto no capítulo anterior, é indiscutível o direito que nossos alunos têm e repensar que podemos formar bons leitores literários através de um processo de letramento literário que inclua nossos jovens, pois é possível formar bons leitores literários com textos não canônicos, de qualidade discutível ou mesmo com textos não literários, como textos jornalísticos, publicitários ou outros menos prestigiados. Outro desafio é reconhecer, enquanto educadores, que o aluno busque a leitura literária e que o professor precisa estar preparado para adequar novos contextos permitidos pela literatura.

Nesse processo, o professor precisa ser um sujeito capaz de pensar as possibilidades do texto, as potencialidades que, no contato com os estudantes, poderão torná-los mais conscientes da sua existência, da sua relação com a história, com as diferenças e encontros culturais, e os trânsitos que as trajetórias de vida deles estabelecem, ou não, com o que se lê. É um constante desafio! No contato com a leitura literária, o professor pode perceber a possibilidade de uma formação de um receptor de textos em, pelo menos, três escalas. Inicialmente, a formação provável do leitor prosaico, o ser capaz de decodificar as palavras do texto e interpretá-las em nível de leitura vulgar e previsível. Em um segundo momento, há a formação de um leitor crítico, aquele capaz de analisar e discutir sua realidade e a do próximo sob um ponto de vista instabilizador. Com o texto literário haveria, ainda, em um terceiro

nível, a oportunidade de formação do leitor literário, aquele capaz de apropriar-se do texto para abordar sua vida de modo renovado, experimentando, assim, outros mundos e logrando, enfim, reavaliar sua existência.

Dominar saberes e fazer disso possibilidade de transformação de si e do mundo é uma das especificidades do ensino. Sendo assim, os educadores precisam rever que ensinar literatura não é um mero trabalho de interpretação ou avaliação do texto, pois se faz necessário perceber e dar sentido às significações e às representações da obra em estudo no tempo. O maior desafio é olhar para o texto e adaptar, depreendendo o que ele nos diz sobre as humanidades, assinalando o que era novo à época e inédito hoje. Se quase não existe o que não possa ser representado, por meio de diferentes semioses da linguagem, num texto literário, é sinal de que nele fazem morada conhecimentos e saberes que nos provocam ao seu confronto, identificando-os, compreendendo-os, situando-os historicamente no plano das temporalidades humanas.

Compreender os verdadeiros papéis do texto literário enquanto objeto de ensino é papel do professor, que não é apenas aquele que percebe dada variedade de informações; nem aquele que depreende ou edifica saberes a partir das informações. O professor opera movimentos de (trans)formação desses tópicos informacionais em conhecimentos sistematizados.

Paulino (2005) afirma que, para a leitura literária, essa mudança interessa bastante, porque institui outro modo de encarar as diferenças individuais no processamento linguístico formal do texto. Em vez de perguntas prévias pelo professor, com suas respostas padronizadas, a assunção desse modelo compreensivo dinâmico exige que a leitura literária seja processada com mais autonomia, tendo os estudantes direito de seguir suas próprias vias de produção de sentidos, sem que estes deixem, por isso, de serem sociais. Trata-se de uma outra didática da leitura literária, que pode reequilibrar o individual e o coletivo.

É preciso que se possa contribuir para que os leitores de literatura de hoje e amanhã refutem e reinventem, provocativa, criativa e ousadamente, a leitura, a literatura e a escola. Aborda-se uma educação literária, de uma educação que encontre na literatura todo seu potencial pedagógico, que não devemos tomar no sentido de procurar no texto literário a veia positivista cara ao projeto moderno de conhecimento e sujeito, mas outra coisa: a possibilidade de aprender na experiência, descobrir o que os textos têm a dizer no contato com eles e no desvelamento das histórias que eles têm para nos contar. Dessa forma, esquecendo a preferência pelos resumos, e as fichas de leitura condenadas por cercear a criatividade ou podar o prazer da leitura.

O professor precisa perceber que o leitor escolar participante de processos normativos e curriculares precisa antes se descobrir como leitor empírico. Aquele leitor que todos somos. Que lê como quem sente, que divaga e fabula, que interpreta de várias formas um mesmo fato e que vive as paixões que o texto suscita nele sem medo dos riscos que há nos devaneios. Percebe-se, assim, que a leitura de textos literários é extremamente relevante para o funcionamento de uma sociedade civil. Descobrimo e explorando o seu mundo interior, o leitor literário logra um contato mais promissor, mais crítico e sensível com seu semelhante, o que fortalece os laços comunitários, dá vazão às afinidades e estabelece um ambiente propício para a compreensão das diferenças.

Nesse viés, compreende-se que o educador necessita repensar e buscar uma proposta de ensino civilizadora, humanizadora e politizadora com o intuito de recuperar e preservar o caráter e a diferença de sua prática docente. Assim, consoante Chiaretto:

É fundamental o tempo para o exercício da reflexão com o fim de adquirir saberes, afinar emoções, conceber um senso de beleza e perceber a complexidade do mundo em suas infinitas redes de relações. Para que esse conjunto de conhecimentos possa ser acessado é necessário o contato cotidiano, ativo e envolvente com textos literários de reconhecida qualidade. Lendo tais textos, o educador pode se habilitar para uma melhor convivência com o próximo, sobretudo pode se capacitar para ser um dinamizador de novos leitores.

Em vista dos tempos atuais, torna-se necessário saber se os professores estão, de fato, lendo literatura para, assim, conseguirem ser mediadores de textos literários entre seus alunos, já que muitos estão distantes do ambiente universitário de pesquisa e ensino.

Nesse eixo, é perceptível que o prazer da leitura dos educadores fará a diferença, pois o letramento literário se tornará parte de um processo de disseminação cultural, e não de imposição ou utilização da literatura apenas como mero pretexto para exercícios de outra natureza. Só um educador-leitor, com um repertório textual rico e diversificado, envolvido verdadeiramente com o universo da literatura, pode formar leitores e organizar seu material didático sem usar estratégias acomodadas ou conservadoras, sem fechar-se no espaço escolar e sem desvincular-se da vida social. E uma formação literária satisfatória apenas se conforma quando o educador reconhece o potencial civilizador e humanizador da leitura literária.

E agregado ao que foi mencionado no parágrafo anterior, é elucidativo que os professores percebam que as escolhas literárias precisam potencializar nos leitores em formação a capacidade de confrontar a realidade e, principalmente, a si mesmos, através da articulação entre diferentes linguagens, estéticas e éticas. Sem a compreensão da sua função como mediador da relação texto/leitor, o professor pode incorrer em uma interpretação

limitada do que é o ensino de literatura. É inegável a dimensão de fruição que envolve o texto literário e sua leitura, mas isso não significa cultivar o prazer como um produto anódino e infantilizado. Pelo contrário, o prazer estético é resultante de denso trabalho sobre o texto, si mesmo e o mundo, numa trama de relações que se atravessam e se conectam infinitamente.

4 O ALUNO LEITOR NO PROCESSO HUMANIZADOR: O PARADOXO ENTRE A INQUIETAÇÃO E O ENCANTAMENTO

A formação de leitores é um processo constante, que começa em casa, se aperfeiçoa na escola e continua por toda vida, fazendo-se necessário o contato desde a mais terna idade com diversos gêneros textuais.

Nesse compasso, a prática de leitura do texto literário, segundo Antonio Candido (1972, p. 3), “[...] serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade [...]”, visto que mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar (CANDIDO, 1972, p. 4) (É. Dessa maneira, a literatura é humanizadora, pois age como “[...] o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras [...]” (CANDIDO, 1972, p. 4). No entanto, para que logre seus frutos, é necessário que não seja vista e, principalmente, utilizada como apêndice, como pretexto de instrução moral e cívica, devendo, portanto, desvencilhar-se do olhar pedagógico-ideológico que a veicula como “[...] o Verdadeiro, o Bom, o Belo”.

Assim, o texto literário, no ambiente escolar, não deveria ser utilizado como pretexto para outras atividades e integrar o livro didático, promovendo a visão de que este é enfadonho, desinteressante e sem importância, e de que o texto literário ou seu fragmento só serve para reforçar as habilidades linguísticas, a transmissão de sequência de autores e estilos de época, o ensino de gramática, a prática de leitura e interpretação de texto, o que o torna menos acessível e nem um pouco prazeroso aos alunos.

Desse modo, na utilização do texto literário em sala de aula, não se observa um ensino de literatura como exploração das potencialidades da linguagem, nem da literatura-prazer que conduzirá o aluno à compreensão da realidade, pois tais exercícios podem desvelar “[...] a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada [...]” (COSSON, 2014, p. 16) e, assim, provocar uma ruptura da ideologia reinante e um atrito com o mercado editorial. Tais mecanismos não se preocupam em resgatar os conhecimentos obtidos dos alunos e as experiências que neles estão incutidas para o estudo de novos conteúdos; engessam a criança para a leitura que se exige que faça, reduzindo a atividade de ler a uma atividade passiva, sem fins conscientes e ativos.

A instituição escolar, por meio do livro didático, ignora que o leitor, além do plano educacional, vive no plano real de uma existência particular e concreta, estando sujeito às intempéries da vida, que não constam dos modelos idealizados nos livros didáticos, mas sim do arsenal literário. Sendo assim, a escola deveria proporcionar ao aluno o contato com livros de caráter estético que ofereçam uma visão crítica do mundo, uma vez que o conduzirá à oportunidade de vivenciar a história e colocar-se em ação por meio da imaginação, e descartar o uso impositivo e sistêmico dos livros pedagógicos e utilitaristas, visto que os textos ou fragmentos de textos literários utilizados pelos livros didáticos buscam converter a “[...] narrativa artística em um artefato de utilidade imediata” (SANTOS; SOUZA, 2004, p. 82).

Dessa maneira, vinculada à tradição grega de utilizar os textos literários como veículos moralizantes e a fórmula horaciana de unir o útil ao agradável, a literatura, no decorrer da humanidade, adquiriu um viés utilitário que perpassou e perpassa toda prática escolar; o que conduz a cristalização do ensino com um duplo pressuposto: “[...] a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2014, p. 20). É a dessacralização de tais métodos e formas de transmissão do conteúdo literário que propomos promover, ressaltando maneiras de propiciar ao aluno/leitor o contato com o texto literário, para que efetue em sua leitura a aprendizagem sobre literatura - sua história, teoria e crítica - e a aprendizagem por meio da literatura. Para que tal envolvimento ocorra, faz-se importante que aluno e professor estabeleçam uma comunhão fundada no prazer, na livre interpretação e na liberdade que legitima o ato de ler.

Nesse viés, a leitura literária é muito relevante no processo de humanização do aluno. Através da leitura literária, problemas podem ser vivenciados dialeticamente, e problemas que podem se mostrar de cunho emocional, psíquico, moral, afetivo ou social. Chiatetto (UFMG) acrescenta:

O livro aberto pode ser fator de inquietação desastrosa, assim como, paradoxalmente puro encantamento maravilhoso. Tal paradoxo é responsável pelo arrebatamento do leitor que, em vista das benesses e dos danos, aprende sobre a vida, torna-se mais humano e encontra a humanização ricamente proporcionada pela leitura literária.

A partir de Antonio Candido (2004, p. 188-189), podem-se mencionar três fases de humanização proporcionada pela leitura literária e que deveriam ser de conhecimento por parte dos professores. Primeiramente, a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. A organização da palavra comunica-se, assim, ao espírito do aluno leitor e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. Toda obra literária

pressupõe essa superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras que possibilita propostas múltiplas de sentido.

Em uma segunda fase, a leitura literária humaniza no momento em que satisfaz no aluno a necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-o, assim, a tomar posição em face deles. Nesse caso, a leitura literária é proporcionada por produções nas quais o autor deseja expressamente assumir posição em face de determinados problemas, sejam eles sociais, econômicos, políticos ou existenciais. Em tal situação, não há como o aluno desconsiderar o que lê, não há espaço para superficialidades ou imparcialidades. O que ocorrem são aversões e repugnâncias ou atração arrebatadora e insofismável.

Em uma terceira e última fase, a leitura literária humaniza ao romper as estratificações sociais e permitir que o aluno pobre e o aluno rico consigam fruir da literatura conforme suas vontades e capacidade. Isso ocorre sempre que os produtos culturais, sejam eruditos ou populares, estão ao alcance de todos, e não privados, espoliados ou segregados em acordo com uma sociedade iníqua e tortuosa. Nesse sentido, a literatura pode desenvolver no espaço escolar a esperança de humanidade na proporção que torna os alunos mais compreensivos e abertos para a natureza, para a sociedade e para o outro.

5 O LETRAMENTO LITERÁRIO E AS INTERAÇÕES INCESSANTES: UM OLHAR NECESSÁRIO QUE PRECISA SER REVISTO NAS AULAS DE LITERATURA

Trabalhar com literatura contemporânea em sala de aula é trabalhar com a ruptura e com interações incessantes. Interagir, na nova era e com as novas ferramentas, é mais do que preencher alguns espaços vazios em busca da “verdade” de um autor, e sim construir juntamente com o autor a partir de possibilidades e alternativas que ele possa ter criado. Por isso, é preciso que nos posicionemos frente ao desafio permanente de pensar caminhos coerentes e politicamente situados, para que os alunos possam ser favorecidos pelos benefícios humanizadores que as experiências literárias podem desencadear e maximizar em seus itinerários formativos.

Por necessidades didáticas, segmentamos a história da literatura em gêneros, períodos, movimentos, tendências. É inevitável nesses casos que se opere uma síntese redutora. Não se pode cair, entretanto, numa espécie de atomização do período ou da forma. A abertura para o diverso é necessária e deve estar presente nas salas de aula. Os textos literários precisam realçar sua atualidade, permitindo em termos didáticos estabelecer uma ponte comunicativa com notícias veiculadas pela mídia, por exemplo. Abdala Junior (2003) argumenta que, na literatura, como noutras séries ou escaninhos do conhecimento de nossa cultura, temos repertórios de formas que provocaram impactos. São experiências da práxis social que podem ser atualizadas, transformadas.

Os percursos são entrecortados, descontínuos. Não constituem uma linha histórica contínua, evolutiva e positivista como era comum encontrar em manuais didáticos. São matérias que a memória cultural recupera e reconstrói em função de modos de pensar a realidade, dominantes ou não, próprias de uma configuração histórica. Falamos de impactos: a obra em seu tempo e em tempo posterior, contíguo ou não. Se pensarmos no ensino, há uma forma de impacto sempre produtivo: o necessário impacto no aluno. Para tanto, precisamos reformular a univocidade que continua a embalar discursos relativos à história da literatura. Ela não pode continuar a ser uma narrativa unilinear, muitas vezes um decalque estereotipado de outras áreas do conhecimento, construída exteriormente ao texto literário. Nessa dimensão, imaginamos uma didática da historiografia literária, com critérios metodológicos que permitam estabelecer uma efetiva ponte comunicativa com a experiência concreta do aluno, com seu sistema de expectativas, com suas aspirações.

Numa perspectiva contemporânea,

se o livro que estamos lendo não nos acorda como punho martelando em nossos crânios, então, por que o lemos? Bom Deus, nós também seríamos felizes se não tivéssemos livros que nos façam felizes. Poderíamos, se necessário, até escrever nós mesmos. O que devemos ter são aqueles livros que vêm sobre nós como azar, como a morte de quem amamos mais do que amamos nós mesmos, como suicídio. Um livro deve ser um machado de gelo para quebrar mar congelado dentro de nós (KAFKA, Franz Diários).

Essa será a real literatura que vai trazer maturidade para os discentes. Uma literatura transformadora. Se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Na escola, a literatura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos para conhecer e articular com proficiência o mundo feito pela linguagem.

Para redimensionar essas aprendizagens nas aulas de literatura de forma que conduzam de modo satisfatório o processo literário, é que se propõe novo caminho. Caminho esse que se determina, em primeiro lugar, que o ensino de literatura deve ter como centro a experiência do literário. Nessa perspectiva, é tão importante a leitura do texto literário quanto as respostas que construímos para ela. As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura de obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassarem o simples consumo de textos literários.

Depois, buscamos, enquanto professores de literatura, deixar claro que a literatura não pode ser reduzida ao sistema canônico e, por fim, adotamos como princípio do letramento literário a construção de uma comunidade de leitores. É essa comunidade que oferecerá um repertório, uma moldura cultural dentro da qual o leitor poderá se mover e construir o mundo e a ele mesmo. Em vista dos tempos atuais, compreende-se que o professor necessita de elementos para elaborar uma nova proposta de ensino, a fim de poder recuperar e preservar o caráter e a diferença tão essencial da prática docente. Nesse compasso, é necessário o contato cotidiano com textos literários de reconhecida qualidade, para que seja capaz de dinamizar ou mediar novos leitores.

Para Cosson (2006), o letramento não é apenas a aquisição da habilidade de ler ou escrever, mas, sim, da apropriação da escrita e das práticas sociais a ela relacionadas. Para Soares (1998), letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever; é o

estado ou a condição que um grupo social ou um indivíduo adquirem como consequência de ter se apropriado da escrita. Ela afirma, ainda, que o letramento é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita.

O letramento literário tem aspecto especial. Como Cosson (2006) expõe,

Pela própria condição de existência da escrita literária, [...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí a sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade (COSSON, 2006, p. 12).

Para melhor entendimento sobre o letramento literário, é necessário discorrer sobre a importância da literatura para o ser humano. A literatura é indispensável e necessária em todas as fases de vida do ser humano, desde a infância até a vida adulta:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO, 1995 *apud* COSSON, 2007, p. 15).

Ler é, portanto, uma necessidade de todo e qualquer ser humano. É por intermédio da literatura que um sujeito se comunica com o mundo de diversas formas e com inúmeros objetivos. “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p. 180).

Em tais momentos, o prazer da leitura dos professores fará a diferença, já que o letramento literário se tornará parte de um processo de disseminação cultural, e não de imposição ou utilização da literatura apenas como mero pretexto para exercícios de outra natureza. Só um professor-leitor, com um repertório de textos envolventes com o universo literário, pode formar leitores e organizar seu material didático sem usar estratégias acomodadas ou autoritárias, sem se fechar no espaço escolar e sem se desvincular da vida social. E, com uma formação literária satisfatória, apenas se reconhece o potencial civilizador e humanizador da leitura literária.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso do PROLEITURA contribuiu para o meu agir em sala de aula, uma vez que me fez refletir sobre as estratégias, os caminhos e as diretrizes de que necessito para, como profissional da educação, poder auxiliar de forma eficaz, no hábito e no gosto pela leitura literária, os estudantes. As motivações do presente trabalho se deram pelas minhas inquietações enquanto professora de Literatura e Língua Portuguesa em escola pública, que as percebe também nos colegas de trabalho. E, com muita empatia, noto, além disso, que comungo de preocupações existentes há muitos anos e que vêm sendo trabalhadas por expressivos intelectuais que tratam a questão com muito cuidado. É fundamental que se compreenda e discuta que a Literatura é essencial nas vidas dos nossos discentes.

Observei que é necessária a existência de espaços de literatura dentro das escolas e que se quebrem barreiras para se ensinar literatura com práticas fundamentadas no letramento literário. Aprendi que a literatura apenas será ensinada de forma objetiva e eficaz quando realmente estiver ligada à vida dos educandos.

Ler pode tornar as pessoas mais humanas e com a sensibilidade mais apurada para poder sentir e pensar melhor sobre si mesmo e, sobretudo, o próximo. Portanto, mesmo que políticas públicas de acesso à leitura digam o contrário, não se fazem tais políticas para verdadeiramente atingir a grande massa. Aí também reside o papel da escola e do ensino de Literatura: tornar mais democrático o acesso à leitura e, em especial, a leitura literária como direito inalienável. Com a pecha de difícil, elitizada, complexa ou ainda considerada para poucos, vai-se reforçando o estereótipo de que a Literatura é artigo de luxo ou exclusiva para alguns poucos seletos intelectuais.

Por vaidade, tentei dialogar que alguns profissionais fazem coro a tal discurso, e não tenta sair do conservadorismo de suas aulas enfadonhas. E isso significa um desserviço à população e as consequências coletivas desse comportamento se fazem notar facilmente no caos ideológico e político que rege a nação, oriundo da alienação e do iletrismo de todas as ordens, pois muitos não conseguem vivenciar dialeticamente os problemas que podem se mostrar de cunho emocional, afetivo, social, entre outros através da leitura literária. Também, verifica-se que a responsabilidade maior no que tange ao ensino de Literatura recai sobre o professor, pois é ele quem está lidando com todos esses desafios no dia a dia da sala de aula e que, mesmo diante de um ambiente instável, deve encontrar oportunidades para realizar seu trabalho da melhor maneira possível. Ao professor, foi incumbida a importante tarefa de

utilizar-se de todas as possibilidades, tornando a literatura um instrumento de emancipação social.

Em um mundo tão conturbado como o nosso, a literatura é o espaço da criação, da liberdade de pensar, livrando o ser humano da prisão de pensamentos, da passividade própria de uma sociedade dominadora. Ela desenvolve a criatividade humana e leva a refletir sobre o indivíduo e a sociedade.

Nesse compasso, é perceptível, diante do estudo, que os professores se preparem devidamente para mediar o processo e tenham disposição para insistir em leituras, releituras e comentários. O interesse do professor é essencial nessa etapa, a fim de que o aluno possa compreender melhor a importância de que a leitura literária pode agregar em seu processo formativo.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, Jr. Benjamin. **História literária e o ensino das literaturas de língua portuguesa.** In: Questões de Literatura. Passo Fundo: UPF, 2003.
- ABREU, Márcia. **Cultura letrada: Literatura e leitura.** 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem.** São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1973.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CHARTIER, A. M. **Que leitores queremos formar com a literatura infantojuvenil?** In: Leituras literárias: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.
- CHIARETTO, Marcelo. Letramento literário e recursos didáticos para um educador cidadão. Universidade Federal de Minas Gerais.
- _____ **Leitura literária na sala de aula contemporânea: tempo de apreciar a Periferia**
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: Teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Escrita teclada: uma nova forma de escrever? In: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1011t>.
- PAULINO, Graça. **Algumas especificidades da leitura literária.** In: Paiva, Aparecida et al. (Orgs). Leituras literárias: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.
- SOARES, Magda. et al. **A escolarização da leitura literária.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.